

URBANISMO POPULAR: PROTAGONISMO COLETIVO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO COMUNITÁRIO

GABRIELA WREGE PARRA¹; THIFANI GOMES ORTIZ MACHADO²; JULIANA AIDÊ BORTOLOTTI³; FELIPE AIRES THOFEHRN⁴; LUCIANA CAVALHEIRO DE FREITAS⁵; EMANUELA DI FELICE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – gabiwre@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thifani.ortiz@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – juliana.aidebortolotti@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – felipethofehrn@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – lucavalheirodefreitas@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – emanueladifelice@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O coletivo João BEM representa um importante espaço de produção na linha da extensão popular na FAUrb - UFPEL. Ao longo dos anos, com suas diferentes composições grupais, esteve presente nos bairros periféricos da cidade de Pelotas, aprendendo a escutar e pensar a arquitetura e urbanismo a partir da realidade das demandas populares. Sem a presença estudantil, o projeto de extensão ficou adormecido por alguns semestres. Já em tempos pandêmicos, a emergência por retomar este importante espaço para os estudantes fomentou a criação de um grupo de sete estudantes dos semestres intermediários do curso. Conta também com um nova membra docente, que nos espaços formais atende por coordenadora do projeto, porém no dia a dia, assim como todos do grupo, tem igual voz e poder de decisão.

A noção trazida pela temática do Direito à Cidade evidencia cada vez mais a necessidade de reformular como vemos e atuamos na construção do meio urbano e rural. Assim, acredita-se que tal direito não gira em torno apenas daquele que já existe na cidade, mas sim da capacidade de reformulá-lo (HARVEY, 2009)¹. O Coletivo EMAU (Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo) da Universidade Federal de Pelotas busca afirmar experiências positivas de construção popular do espaço, questionando os métodos de produção e manutenção da urbanidade contemporâneos, a fim de colaborar para o desenvolvimento de uma cidade mais sustentável e coletiva. O EMAU compreende a importância do Direito à Cidade e leva em consideração a discrepância entre a realidade e o ideal das cidades que contempla os direitos básicos da população, devendo englobá-las a partir da noção de uma série de direitos inalienáveis, como a moradia, o lazer, o saneamento básico, a educação, a saúde e a alimentação de qualidade.

Como afirma HERZOG (2013), a agricultura urbana contribui para o aumento da segurança alimentar, com a diminuição do uso de agrotóxicos, além de melhorar a qualidade de vida dos habitantes e reduzir o uso de energia. Por entender esse tipo de iniciativa como essencial, o EMAU, tem participado nos últimos dois meses de mutirões relativos à gênese da horta comunitária no bairro Dunas, no Comitê de Desenvolvimento do Dunas (CDD), em uma atividade articulada pelos moradores locais e diversos coletivos, contribuindo estruturalmente para uma mudança na relação das pessoas com o lugar, com a natureza e, conseqüentemente, tem assumido um papel conscientizador na comunidade do entorno.

LYDON e GARCIA (2015) têm a compreensão de que urbanismo tático é uma abordagem de intervenção de curto prazo que não necessita de muitos recursos financeiros e se utiliza do potencial criativo desenvolvido pela interação social. Essa abordagem permite que os cidadãos colaborem no desenho do espaço público e que organizações mostrem possibilidades para conquistar apoio público e político (LYDON; GARCIA, 2015).

A iniciativa de alterar o uso do espaço público surge através da comunidade local, transformando um cenário de descaso do poder público em um lugar vivo, sensível à realidade das pessoas que habitam ali, fornecendo alimentos e roupas a quem necessita, criando discussões a respeito de temas urgentes como segurança alimentar, saneamento básico, coleta de resíduos, reciclagem, compostagem, além de contribuir com a produção cultural da região, estimular a prática de esportes e reunir diversas coletividades, como Estúdio Livre Dunas Rap, Usina Feminista, EMAU JoãoBem, Grupo de Agroecologia (GAE), Feira Ecológica da ARPA-SUL, MST e moradores da região. A partir dessa experiência, é importante destacar a potência transformadora da integração entre comunidade, universidade e outras coletividades, frutos da criação de uma incubadora de projetos no bairro (CDD), assim como questionar a falta de ações, visando a manutenção da infraestrutura local e o bem-estar da comunidade por parte do poder público.

2. METODOLOGIA

O coletivo, juntamente com os outros atores da mobilização do CDD, reuniu-se, majoritariamente, aos sábados no Comitê, com os devidos cuidados, para dialogar com as pessoas que compartilham o uso do espaço, entender suas demandas, somar esforços no trabalho destinado principalmente à horta e construir conjuntamente um projeto para o lugar.

Dito isso, um dos métodos utilizados foi o desenho interativo no espaço, com uma linha de malha. Com esse objeto, dimensionamos e localizamos objetos como a geodésica, local para secagem das palhas, composteira, cisterna. A partir disso, traduzimos esse desenho do espaço para o papel, numa planta baixa interativa, complementada com o levantamento do terreno e das espécies vegetais presentes. Tendo isso em vista, intencionou-se aliar a representação técnica à interação participativa de todos, implicando uma documentação de grande potência para se pensar em reformulações para o espaço em questão e na tentativa de fomentar o imaginário coletivo do lugar. Além disso, foram realizadas algumas entrevistas informais, a respeito da situação do bairro, suas problemáticas, potencialidades e mudanças que seriam bem-vindas.

Dentro desse contexto, realizou-se uma reunião com todos aqueles que estão contribuindo na construção desse espaço, e uma das iniciativas do coletivo, a partir de questionamentos e demandas, foi dar início ao projeto de uma geodésica, a qual teria um uso multifuncional, seja como local de descanso, para possíveis apresentações, encontros, ou mesmo armazenamento de grãos e materiais para horta. Seriam utilizados materiais provenientes de doações e arrecadações, sempre com a atuação coletiva e um projeto participativo em mente, visando um projeto e uma ação colaborativa, e não unilateral.

Tendo isso em vista, assim como coloca HOLLIDAY (2009), a experiência coletiva pode ser caracterizada como um entremeado vivo, que abarca não apenas acontecimentos pontuais, mas também é marcada por sensibilidades, emoções, pensamentos das pessoas que a vivem. A participação comunitária, portanto, tem muita potência e é essencial que seja dinâmica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o agravamento da pandemia, segundo dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, pesquisa realizada entre os dias 5 e 24 de dezembro de 2020, em cerca de 55% dos domicílios, os moradores vivenciaram a insegurança alimentar, ou seja, aproximadamente 116 milhões de pessoas no Brasil não possuíam segurança alimentar-- acesso pleno aos alimentos.

O loteamento Dunas fica situado no bairro Areal, na cidade de Pelotas - RS, e, com o agravamento da crise pandêmica, muitos domicílios enfrentaram e ainda enfrentam dificuldades para obtenção de alimentos, sendo assim, a horta urbana veio para auxiliar esses moradores a ter o acesso pleno aos alimentos, incentivar ações comunitárias e impulsionar a construção conjunta de um espaço coletivo para o loteamento, o qual preza o consumo e produção de alimentos orgânicos e saudáveis para a comunidade assim como o bem-estar dos habitantes. É importante destacar a inter-relação entre a segurança alimentar e o espaço urbano, assim como explicita SPERANDIO (2010) ao elucidar a importância da promoção da saúde correlacionada ao desenvolvimento de espaços e territórios e como isso influencia positivamente o processo de construção de políticas públicas e, por conseguinte, o diálogo entre os diversos agentes da cidade.

4. CONCLUSÕES

Considerando as ações nas quais o grupo está inserido, o EMAU se coloca como um dos atores presentes na mudança, buscando sempre a horizontalidade em todos os processos. Além disso, também é vista como de suma importância a interdisciplinaridade e intersecção do conhecimento, sempre buscando impulsionar a ação coletiva da qual fazemos parte.

A participação do grupo dentro do contexto não universitário, no CDD, se constrói de forma contínua, sem necessariamente definir um fim, mas buscando sempre a integração com o meio, reinterpretando o processo e enxergando as potenciais possibilidades na criação de vínculos afetivos com o lugar e outros agentes envolvidos. Nossas atividades ali estão em andamento, exercitando nosso aprendizado e escuta, constituindo assim nossa presença não como protagonistas, mas como participantes na construção de um espaço comunitário que compreende a importância dos indivíduos e coletivos envolvidos no processo e cultiva objetivos comuns a todos, se retroalimentando a partir da troca de saberes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, D. Alternativas ao neoliberalismo e o direito à cidade. **Novos Cadernos NAEA**, Pará, v.12, n.2, p. 269-274, 2009.

SPERANDIO, A. M. G. A promoção da saúde construída em rede. **Políticas Integradas em Rede e a Construção de Espaços Saudáveis: boas práticas para a Iniciativa do Rostos, Vozes e Lugares**, Brasília, v.1, n.1, p. 17-19, 2010.

HERZOG, C.P. **Cidades para todos: (re)aprendendo a conviver com a Natureza**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2013.

LYDON, M.; GARCIA, A. **Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change**. Washington: Island Press, 2015.

OXFAM. **Insegurança alimentar e Covid-19 no Brasil**. Olhe para a fome, Brasil, 2021. Acessado em 08 ago. 2021. Online. Disponível em: <http://olheparaafome.com.br/>

HOLLIDAY, O.J. La Sistematización de Experiencias y las Corrientes Innovadoras del Pensamiento Latinoamericano - Una Aproximación Histórica. **Diálogo de Saberes**. Caracas, n.3, p.118-129, 2009.